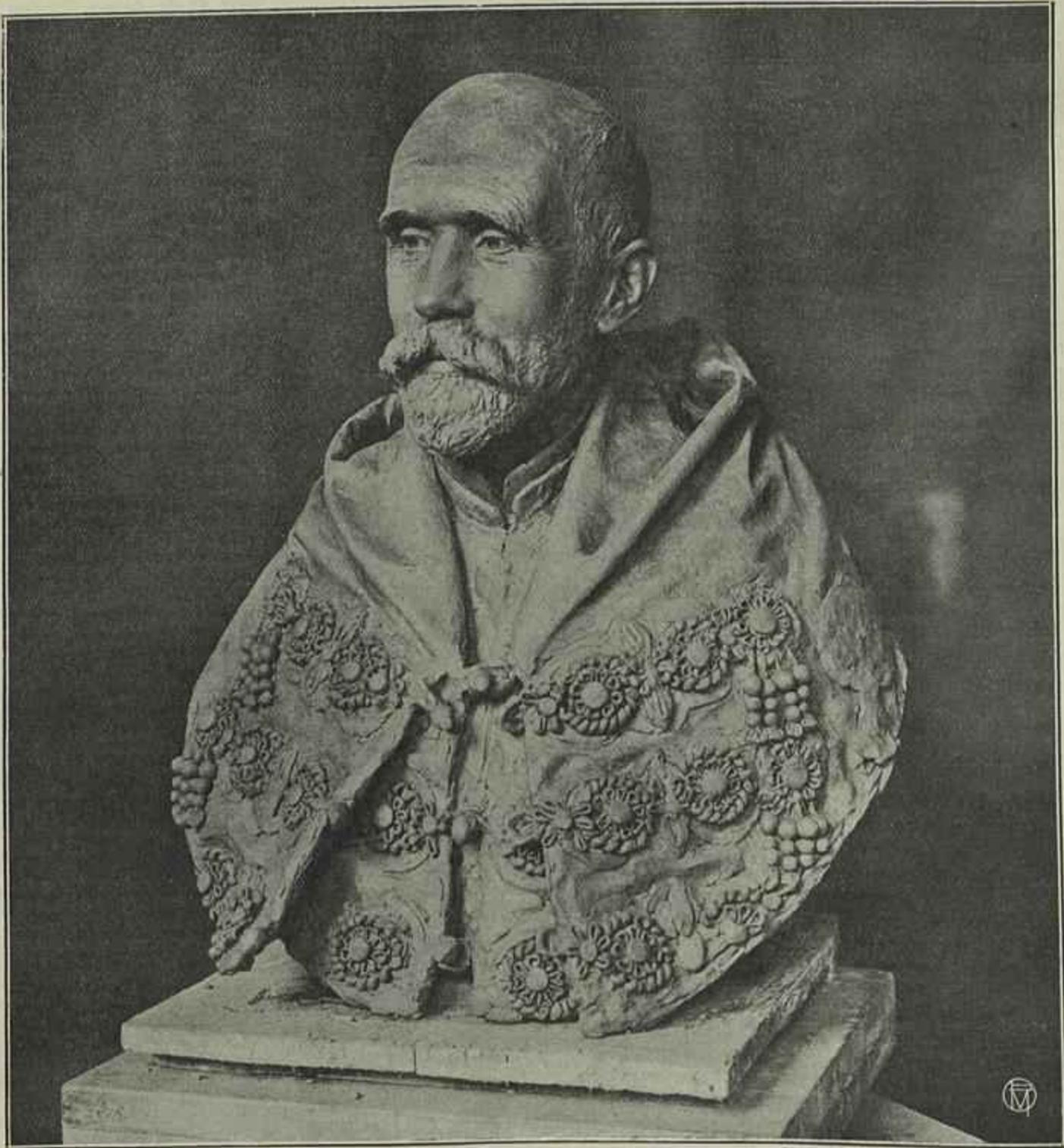


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. a n.ºs	N.º à entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1276	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	<b>10 de Junho de 1914</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000				
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500				



DR. FRANCISCO GOMES TEIXEIRA, REITOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

BUSTO DE BRONZE, ESCULPTURA DE TEIXEIRA LOPES, QUE VAE SER INAUGURADO NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, NO DIA 14 DO CORRENTE

(Cliché da Photographia Guedes, no Porto)

## CRONICA OCCIDENTAL

Dia ultimo do mês de Maio, realisou-se carinhosamente, perto de Carnaxide, a Festa da Senhora da Rocha.

Abatida de realidades, desolada na ambiencia do burgo lisboêta —ahi foi, de longada, campos fóra, em romaria, levar-lhe homenagens de esperança, ex-votos de fé, flôres de saudação, a multitudine dos crentes.

A Senhora, no altar, transfigurada de idealidade, suspensa em nuvens de incenso, a todos parecia acolher com um sorriso de promessa e benção...

E naquela tarde criadôra, estremecida por um vento brando que espargia sobre a natureza pétalas fluidas de caricias, a Festa tomava para nós uma significação nova. A par e passo que nos encaminhávamos para o Santuario, críamos vêr o monge do décimo quinto seculo dirigir-se para a sua gruta, desiludido de época, procurar no recolhimento piedoso da solidade, o remedio para uma tristeza que excrucia mais e mais e não finda neste mundo. Levava ele, bem junto do coração, pequenino cofre de prata, que encerrava uma estatueta benta da Senhora, objeto das suas crenças mais afervoradas e dadi-va do seu amôr mais querido.

De momento a momento, o penitente, num impeto irresistivel de ternura e saudade amantissima, banhava de lagrimas e beijos uma inscrição que ao de cima do cofre pequenino se exarára:

«Ao meu Fernando.»

Assim, para nós, a Festa da Senhora era a santificação dum momento que unia indissolúvelmente Amôr e Religião...

Dia de primavera, a florado de leve pela graça duma briza suavissima, dois mancebos, aqui e ali, digressionavam no encantamento da paisagem. A ribeira Jamôr discorria docemente quasi suspensa num extase de maravilha. A aragem punha tremulinas nas franças das arvores aureoladas de sol.

Os moços, tocados do alento da natureza, talvez inpedidos no prazer fugitivo da cinegetica, não quedavam que não sentissem nos corações a unção sagrada do deslumbramento. De subito, coelho pequenico e bravo, inquieto de estranhesa, magoadado de timidês, aparece e foge espavorido e salta de comoro em comoro a refugiar-se no abrigo duma gruta desconhecida. Os rapazes seguem, incitados numa expectativa de caça e vão de piugada té á lura. Chegam, esgueiram-se na entrada e deparam, assombrados de surpresa, caídos de respeito, com um esqueleto humano, intacto, carcomido, em absoluto, de carnes, e junto um pequeno cofre cilindrico, de prata, com peanha de cobre, que encerrava uma imagem minuscula e graciosissima da Senhora da Conceição...

Sucedeu no primeiro quadrante do século décimo nono. Em breve, o facto começou de esboçar-se em lenda. E a voz,

notulada de entonação fervorosa, correu de povoado em povoado, incendendo e erguendo animos em estos de misticismo. Por esse logar bemdito e circumvisinhanças, celebrou-se em culto o milagre... De relance, num volver de olhos piedoso, a Senhora Aparecida teve, derredôr, em defêsa e prece, corações crentes.

E os devotos mais decididos, em acção de graças, logo quizeram erigir-lhe um santuario no sitio da Aparição. As esmolas recolhidas entre os fieis avultavam mais e mais — que afinal, fôram cair quasi sem esperança no regaço avaro do Governo.

Sómente, mais tarde, por esforços indefessos de Tomás Ribeiro — alma religiosissima de poeta — a Igreja foi construída — capelinha branca, ninho de fé, nuvem pousada sobre flôres...

Eis a lenda — que corresponde a uma realidade precisa, acontecida em nossos dias, epoca desvairada de descrença, tempos secos e pécios de prosaísmo — lenda de encanto, unvida de milagre, que põe em relevo a ancia alada de além das almas insatisfeitas e inquietas nos ambitos estreitos da Vida.

Eis a lenda...

Dia lindo, fôram encontrados, na gruta da rocha «um esqueleto humano, intacto, carcomido, em absoluto, de carnes, e junto um pequeno cofre cilindrico, de prata, peanha de cobre, que encerrava uma imagem minuscula e graciosissima da Senhora da Conceição.»

De relevo nobre, maculado de azebre, o cofre tinha esta inscrição gravada:

«1415. AO MEU FERNANDO.»

Tão forte que resistiu á propria morte, quantos não teriam meditado dolorosamente sobre o misterio longínquo desta paixão...

Fieis da pequenina Santa, erguendo-lhe num ex-voto de carinho, sobre a pedra do ossuario, a igreja, perpetuaram em gloria um momento duplamente santificado por Amôr e Religião. Chegou té nós através de tempos varios, o esqueleto do monge penitente...

Entanto, o coração que por instantes pulsou como lampada de infinito naquele arcaboiço estreito, essa alma que os oleos sacros do amôr tinham unvido para a eternidade, aquela fronte que tinha, em si, occulta, a força criadôra, em fantasia e felicidade, de mundos novos, as mãos que estatuararam em fremito o corpo lindo da Bem Amada, o olhar que tanto dela se havia inebriado certamente — tudo, emfim, tudo se diluiu em silencio e poalha de oiro pelo espaço.

Sómente — a Senhora que tinha abençoado sorrindo aquele amôr ingenuo e grande, dominou os tempos e elevou-se em adoração ao santuario dos crentes.

Dia primeiro de junho, passou o aniversario da morte de Camilo. Volveram sobre a sua carcassa vinte e quatro anos — e todavia o Grande-Morto quasi esquecido,

por certo abandonado, ahi jaz ainda em recanto obscuro do Cemiterio da Lapa, no Porto.

Corre ainda sobre a sua fronte, o vento aspero do exilio. Exilado na Vida, exilado na Morte — pelo criterio dos Nulos que Ele sabia reduzir, num gesto, precisamente á insignificancia dos valores relativos.

Anos decorrem sobre o seu falecimento tragico e, nem um pensamento gratissimo de saudade vai adejar ao de leve derredôr do seu sepulcro, nem o marmore atesta ainda a consagração comovida que aos Eleitos da Raça se deve sempre.

Sem embargo, em casa plena do parlamento, se perpretou a injuria de lhe refasarem abrigo no Pantheon Nacional...

ANTONIO COBEIRA.



### Busto do dr. Gomes Teixeira pelo escultor Teixeira Lopes

Uma obra de arte de um grande escultor português e uma homenagem prestada a um eminente homem de sciencia, honra do nosso país, registamos hoje com prazer nas paginas desta Revista.

Antonio Teixeira Lopes, o artista consagrado por tantas obras de incontestavel valor, afirmou mais uma vez seus talentos, no belo busto do dr. Gomes Teixeira, vivo de expressão no frio bronze em que está esculpido.

O genial autor das esculturas, a *Verdade*, no monumento de Eça de Queiroz, da *Rainha Santa Isabel*, da *Viuva*, tantos primores admiraveis de arte e de sentimento, não podia deixar de produzir obra de alto valor como a que apresentamos agora aos leitores desta revista e, cuja detida analyse justifica plenamente todo o elogio.

Não só ao notavel escultor, porém, cabem louvores por esta obra, mas também ao habil artista que fundiu o busto em broze, o sr. Adelino de Sá Lemos, que, nesta operação tão difficil, conseguiu conservar toda a agudeza e vigor da modelação em todas as suas linhas.

Esta bela obra de arte representa carinhosa homenagem da Universidade de Coimbra ao seu antigo lente de mathematica, o sr. dr. Francisco Gomes Teixeira, hoje reitor da nova Universidade do Porto, inaugurada em outubro de 1911, e que é uma gloria de Portugal.

O sr. dr. Gomes Teixeira é considerado o primeiro mathematico da Península e assim conhecido no estrangeiro, por suas obras publicadas em francês sobre sciencias mathematicas taes como: *Sur le nombre des fonctions arbitraires des intégrates des équations aux dérivées partielles* (Memoires de la Société des Sciences de Bordeaux, tomo III); *Sur les principes du calcul infinitesimal* (Memoires de la Société des Sciences de Bordeaux, 2.ª serie, tomo IV); *Sur les dérivées d'ordre quelconque* (Giornale di Matematiche diretto dal G. Battaglini, tomo XVIII); *Sur le développement des fonctions implicites en une série* (Journal de Mathématiques pures et appliquées de Lionville, 3.ª serie, tomo VII); *Sur l'integration d'une équation aux dérivées partielles du deuxième ordre* (Comptes rendus de l'Académie des Sciences de Paris, tomo XCIII); *Sur l'integration d'une classe d'équations aux dérivées partielles du deuxième ordre* (Bulletins de l'Académie Royale de Belgique, 3.ª serie, tomo III); *Sur la theorie des imaginaires* (Annales de la Société Scientifique de Bruxelles, tomo VII, Mathesis, tomo III, Rivista de Mathematica, tomo V) etc. (1).

É isto uma pequena parcela da extraordinaria operosidade do scientist e sabio professor a quem a Universidade de Coimbra vae prestar elevada e justa homenagem, collocando, solenemente, o seu busto, numa das aulas, o que se realisará no proximo dia 14.

(1) *Vidé OCCIDENTE*, vol. XXII, de 1899, pag. 229 e XXXVI, de 1911, pag. 246.



SANTO ANTONIO

(Coleção Moreira Freire)

## Ao cair da tarde



Comungo luz ao sol poente em frisos de ouro,  
Todo o meu Ser regressa a mim para voar...  
Abranjo-me de mim. Rezo-me em sombra, a arfar  
No meu olhar teu riso enferma em rosas de ouro.

Nos meus braços em cruz, perdido de ânsia expiro...  
É quem encerrará meus olhos litos longe?  
A minha alma depois divagará em monge  
Na voz doce, febril, das fontes que deliro.

Desce por mim a tarde... enluto o teu olhar...  
Tudo perdi... sou claustro... ardo em meu Ser a orar,  
E o meu olhar abraça um horizonte em calma...

Tarde!... roxa presença... enroxecendo ensombra...  
Virgem do meu Sonhar... Freira dos véus de sombra...  
Velhinha que teceu a ideia da minha alma!

*Alfredo Pedro Luisado.*

## PELO MUNDO FÓRA

Accentuámos aqui o anno passado a tendencia conservadora que se vem desenhando em França e que se consubstancia no culto patriótico verdadeiramente nacional em honra de *Joanna d'Arc*. A festa que a cidade de *Paris* realizou no dia 24 de Março representou mais uma brilhante homenagem á extraordinaria figura, que tão alto symbolisa a independencia d'aquella nação. No enorme cortejo tradicional reuniram-se representantes das escolas superiores, lyceus e collegios, da mocidade radiante e estudiosa, a que se juntaram as classes trabalhadoras das provincias, unidos todos n'aquella commemoração piedosa, que, conforme aviso previo, não devia ser perturbada pelo mais ligeiro grito ou canção. Esse cortejo marchou imponente pelo *boulevard Malesherbes*, *rua Royal*, *praça da Concordia*, desfilando deante da estatua de *Strasbourg*, *rua de Rivoli*, *praça das Pyramides* e *boulevard Saint-Marcel*.

Houve mais dois cortejos: o da *Liga dos Patriotas*, com as sociedades militares preparatorias e as associações republicanas, e o das *Obras catholicas*, de que se destacavam os gymnastas catholicos de *Paris*.

A estatua de *Joanna d'Arc* na praça *Saint-Angustin* ficou juncada de flores.

Eis pois um bello exemplo de tolerancia e de respeito que merece vulgarisar-se.

No consistorio secreto celebrado no *Vaticano* em 25 de Maio, foi elevado ao cardinalato o venerando antistite da Igreja lisbonense, Senhor *D. Antonio Mendes Bello*, uma lidima gloria nacional. A escolha do senhor patriarcha para tão elevada distincção é, pois, justo orgulho para a nossa Patria e para a Igreja, cujas prerogativas sua Eminencia tem nobremente defendido.

Além do Senhor *D. Antonio Mendes Bello*, foram feitos cardeaes no consistorio publico: — Mgr. *Sevin*, arcebispo de Lyon; mgr. *von Hastmann*, arcebispo de Cologne; mgr. *Bettinger*, arcebispo de Munich; mgr. *Piff*, arcebispa-principe de Vienna; mgr. *Cesernoch*, arcebispo-principe de Gran, primaz da Hungria; mgr. *Gniasola y Menendez*, arcebispo de Toledo, primaz de Espanha; mgr. *Hegin*, arcebispo de Quebec; mgr. *Gasquet*, abbade-presidente da Congregação dos beneditinos (inglês), e os italianos *Della Chiesa*, *Tecchi*, *Lega* e *Serafini*.

Sua Santidade nomeou camerlengo o cardeal *Della Valpe*, que será portanto o chefe do *Sacro Collegio* no conclave que venha a realizar-se em caso de vacatura.

A titulo de informação regista-se que o cardeal inglês *Gasquet* esteve ha dois annos em Portugal, tendo consultado alguns livros nas bibliothecas de Lisboa e Mafra.

A *questão do Ulster* vae entrar na sua phase decisiva, que muitos reputam gravissima. A *Camara dos Communs* votou já em terceira leitura o projecto do *Home rule* para a Irlanda. E' a solução definitiva, pois que nos termos do *Parliamen Act*, a camara dos *lords* não pôde impedir que seja lei um projecto votado tres vezes, em legislaturas differentes, pelos communs. Qualquer que seja portanto a opposição dos *lords*, o projecto tem força de lei, e

a Irlanda obtem assim o regimen autonomo que o *great old man Gladstone* queria conceder-lhe ha 23 annos.

A lucta não está, porém, terminada. Vamos entrar no segundo acto, cuja importancia não será inferior á do primeiro. Trata-se de impedir que a applicação da lei dê origem á guerra civil na Irlanda. O segredo do problema reside no sr. *Asquith*, de quem se espera qualquer medida conciliatoria.

O grande escriptar inglês *Rudyard Kipling* combate violentamente o projecto do governo. Num discurso em *Tunbridge Wells* disse que o *home-rule* quebrou a fé das gerações, reconheceu oficialmente a se-dição, a conspiração particular e a rebelião; subsidiou as forças secretas de boycott, intimidação, ultraje e assassinio. Falando da recente crise do exercito e das razões que a determinaram, disse que o governo preparou secretamente a maior expedição combinada de ambas as armas que se tem organizado depois da guerra da *Criméa*.

Será pessimismo? Esperamos.

O principe *Guilherme da Albania* que, em consequencia da revolta, teve de acolher-se a um navio italiano em *Durazzo*, voltou novamente a palacio com a familia. A sua situação não é, porém, nada invejavel. *Essad pachá* declara-se extranho a qualquer conspiração e espera voltar ao seu paiz.

Os rebeldes censuram *Essad* porque elle, tendo-lhes promettido um principe musulmano, lhes trouxe um principe christão da Allemanha. Os albaneses musulmanos querem que se entregue a Albania á Turquia, o que seria provocar novamente a oppressão das populações christãs, e a guerra civil permanente. N'esta situação se vive ali, o que não admira desde que a nação tem um soberano e um governo extranhos em *Durazzo*, e quem dispõe de tudo são as forças internacionaes, agora augmentadas. Banido *Essad pachá*, apparece outro pretendente em scena, *Ismail Khemal bey*, que partiu para *Vallona* com os seus amigos. Por toda a parte ha elementos antagonicos: em *Durazzo* os nacionalistas, ao norte os *malissores*, ao sul os *Epirotas*.

O povo sentiu enfraquecer-lhe o entusiasmo pelo principe *Guilherme* depois da sua retirada precipitada do palacio.

Essa attitude do soberano mereceu até reparos da imprensa allemã, onde se lêem estas severas palavras: *Ainda que sob a protecção estrangeira e depois de accites as condições dos rebeldes o principe tenha voltado ao seu palacio, a sua corôa ficou no couroçado italiano.*

Tudo isto, por causa dos interesses da Austria e da Italia no Mediterraneo!

Um povo governado por estranhos!

Na historia tragico-maritima a que ainda ha pouco se accrescentaram as horripilantes scenas do naufragio do *Titanic*, abalroado contra um iceberg, e do *Volturmo*, incendiado no alto mar, acaba de inscrever-se mais uma tremêndissima catastrophe onde perderam a vida 1:032 pessoas! O paquete *Express of Irsland* que partira de *Quebec* para *Liverpool*, no dia 28 de Maio, foi apanhado de flanco pelo vapor carvoeiro norueguês *Shorstad*, a 20 milhas de *Father Point*, perto de *Rimouski*, pequena cidade na margem de *São Lourenço*.

O commandante *Kendall*, que se salvou a bordo do *Lady Evelyn*, o navio que, como o *Eureka* accorreu immediatamente em soccorro, desde a vespera (o choque deu-se ás 2 da manhã de 29) navegava com o *Empress of Ireland* por entre espesso nevoeiro, o que o forçara a diminuir o andamento.

Nas alturas de *Father Point*, estando sobre a ponte, viu surgir de lado um grande navio que parecia marchar com toda a velocidade. Tentou desviar o navio mas repentinamente o *Empress* é apanhado em cheio de través, na direcção das machinas, ficando quasi cortado em dois!

Impossivel é pormenorizar as scenas horriveis que se deram, e que a phantasia humana será incapaz de reconstituir. Os passageiros dormiam tranquillamente. A violencia do choque muitos despertam, e na maior afflicção buscam salvar-se nos esca-leres. Não ha tempo. Ao choque segue-se a explosão das caldeiras; os dynamos param. A escuridão é completa, e 17 minutos apoz o choque, o *Empress of Ireland* afunda-se! As ultimas noticias dão 1:032 mortos e 446 salvos. Entre os passageiros havia oitenta e tantos membros da *Salvation Army*, que iam para um congresso de Londres. No numero dos que escaparam merece citar-se a sr.<sup>a</sup> *Wild*, que mora em *Walton*, condado de *Lancashire* e cuja familia figura nas funebres paginas, da historia tragico-maritima. Seu pae morreu ha 17 annos no *Britannic*, que se afundou; o marido e um irmão, officiaes do *Titanic*, fôram victimas da catastrophe d'esse transatlantico; outro irmão, que apenas, ha três menses entrara para a *Canadian Pacific Railway*, ao serviço da *Empress of Ireland*, lá ficou nas aguas de *São Lourenço*.

Entre as victimas contam-se o actor *Lawrence Irving*, filho mais novo do grande tragico *Henry Irving*, e sua mulher, actriz de reputação, e *Sir Henry Seton-Karr*, membro do parlamento inglês, auctor de valiosos livros e grande entusiasta pelos sports, citando-se especialmente as obras: *Chamamento ás armas* e *As minhas serias sportivas*.

O *Empress of Ireland* foi construido em *Glascow* em 1906, tinha a força de 18:000 cavallos, comportava 14:191 toneladas. Media 167 metros de comprimento por 22,5 de largo. Era um paquete rapido e luxuoso, fazendo em seis dias a travessia *Liverpool-Quebec*.

O *Shorstad*, causador da catastrophe, foi construido em *Newcastle* em 1911 e pertence á casa norueguêsa *Klaveness*, de *Christiania*.

O *Empress* está a 29 metros de profundidade. Pensa-se em pô-lo a nado, porque entre as riquezas a bordo ha nada menos de mil contos em barras de prata.

Em Londres e *Liverpool* organizaram-se logo subscrições a favor das victimas. De toda a parte telegrapharam ao rei *Jorge V*, dando-lhe pezames pela horrivel catastrophe.

Quasi ao mesmo tempo punha-se em marcha em *Liverpool* o maior navio até hoje construido — *Aquitania*, dotado com tudo quanto a civilização pode ambicionar: gymnasio, banhos de *Pompeia*, jardins enfeitados com era, galeria de pintura, cafés com terraços, etc.

O navio é tão grande que foi necessário dragar o *Clyde*, antes de o pôr a nado. Tem 901 pés de comprimento, 97 de largura, 92 pés e 6 pollegadas de altura, a velocidade de 23 nós, accomoda 3:250 passageiros e uma tripulação de 1:000 homens, 47:000 toneladas e oito cobertas.

Que destino lhe estará reservado?

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

## Antonio Martins

Por circunstancias alheias á nossa vontade, não pudemos prestar, em ocasião devida, homenagem de comovida admiração aos meritos de esgrimista exímio que é Antonio Martins. Tardia que ela seja, não é por isso menos sincera, nem menos afectuosa.

Mestre de mestres portuguezes, a festa que os seus discipulos dilectos souberam enaltecer de entusiasmo e simpatia, no teatro de S. Carlos, ficará, por certo, na sua memoria, gravada como em data suavissima de gloria. O dia 15 de Maio foi o coroamento da sua vida votada indefessamente ao trabalho e ao devêr.

A' sua despedida da carreira publica, o mais antigo e mais afamado mestre de armas portuguez do nosso tempo, Antonio Martins, teve a felicidade de vêr, em seu redôr, grande numero de amigos seus, admiradôres, e alunos mais distintos, a saudá-lo e a acarinhá-lo.

Temos o prazer de apresentar aos nossos leitores, gravada nas paginas desta Revista, uma excelente fotografia do Mestre — bem como o retrato de Angel Lancho, mestre de armas espanhol, notavel em todo o mundo, que de Madrid propositadamente veio para se bater no ultimo publico de Antonio Martins.

O programa da festa, realizado a rigôr, era excepcionalmente atraente.

De começo, depois de executada a «abertura» de Beethoven pelos srs. Benetó, D. Luis da Cunha e Menezes, Antonio Lamas e José Queiroz, o sr. Christóvam Aires, fez a sua annunciada conferencia, prestando homenagem ao Mestre, saudando-o como o verdadeiro introductor da esgrima em Portugal.

Antes do assalto dos Mestres, a que já nos referimos, fizeram excelentes provas de esgrima representantes insignes de três gerações presidiadas no estudo da arte das armas por Antonio Martins — Eduardo Romero e o tenente Veloso



ANTONIO MARTINS

— velha guarda — D. Sebastio Heredia e José Amorim e discipulos da camada mais moderna, Charles Nelles e Manuel Queiroz.

Os numeros de pura arte fôram magnificos. Ascenso de Siqueira deliciou a assistencia com dois numeros de canto — assim como D. Amelia Almeida Sena que cantou correctissimamente e recitou uns lindos versos de Luthgarda de Cairés e o sr. Francisco Benetó.

Por fim, fez-se ouvir com agrado a gentil amadora, D. Berta Guimarães.

As palmas estrugiram perturbadôramente, — e delas Antonio Martins tirou bem a certeza de quanto é apreciado e estimado pela boa-sociedade ue Lisboa.

## Catalogo comico da Exposição de Belas Artes em 1914

Subordinado á rubrica de *critica humoristica*, acaba a conhecida papelaria *Au Petit Peintre*, do sr. Franco, de publicar um gracioso album de caricaturas, encerrado n'uma artistica e bonita capa.

Abre com um prefacio — *Palavras a mais e ditos... amenos*, em que Carlos Simões, n'uma graça estufante, nos explica ao que vêm, usando d'estes termos que não resistimos á tentação de transcrever:

«O presente Catalogo Comico da Exposição será a rubrica leve, inoffensiva e insulsa, vista através do monoculo da critica humoristica. Tocará a todos e a tudo o que na Exposição tenha uma nota comica, ainda que o trabalho seja uma obra prima... irmã do Genio.»

Baseando-se nas publicações congeneres que se publicam em Paris, por occasião das Exposições do *Salon*, a critica segue, saltitante, feita

pelo lapis de Francisco Valença, o nosso conhecido e talentoso caricaturista, sendo as rubricas de Carlos Simões, homem de letras modesto, mas de muito merecimento, e que cultiva com engenho o trocadilho, genero pouco facil.

Encontra-se n'esse gracioso catalogo a critica de télas de Columbano, Alves Cardoso, Falcão Trigo, Almeida e Silva, Simão da Veiga, David de Mello, Velloso Salgado, Gyrão, Condeixa, etc., e a esculpturas de Netto, Moreira e Julio Vaz Junior. Algumas são magnificas e de facto só



CARLOS SIMÕES E FRANCISCO VALENÇA

podem apreciá-las bem as pessoas que têm tido o prazer de vê-las na Exposição.

O final da capa é uma excelente caricatura do sr. Franco, o proprietario do *Au Petit Peintre*.

Publicando os retratos de Francisco Valença e Carlos Simões, os alegres e despreocupados auctores de tão graciosa critica, consignamos aqui os nossos sinceros agradecimentos pela captivante dedicatória com que distinguiram, nos exemplares enviados, o proprietario d'esta revista e o signatario d'estas linhas.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

## Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

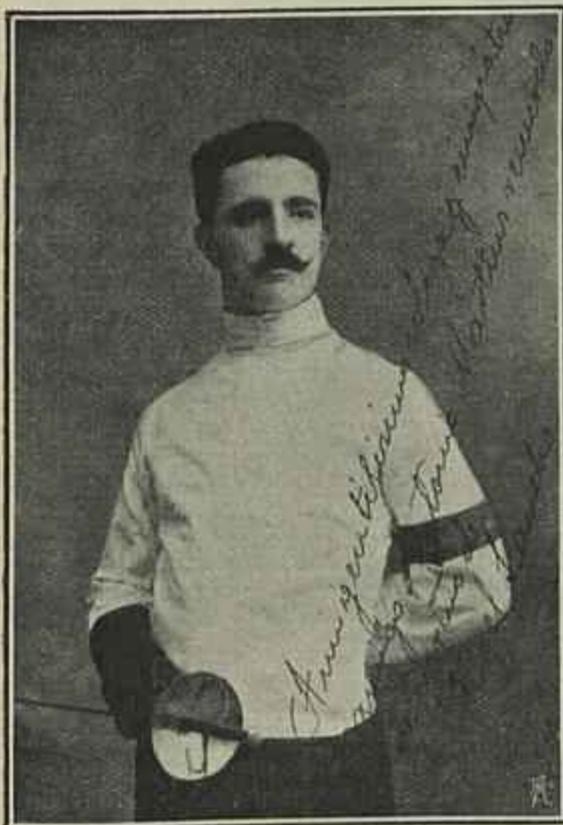
### Estatuária

Numerosamente concorrida, continúa aberta a decima primeira exposição de Belas-Artes, no palacete da Rua Barata Salgueiro. Acontecimento sensacional de arte — demonstra á evidencia que a arte já exerce irresistivelmente sobre o espirito publico o ascendente suavissimo da sua graça, o espiritual enlevo da sua magia.

Asseverámo-lo aqui — este certamen não pode ser considerado inferior, sob aspetos varios, ao certamen magnifico que o antecedeu. Os nossos melhores mestres de pintura ali estão notavelmente representados.

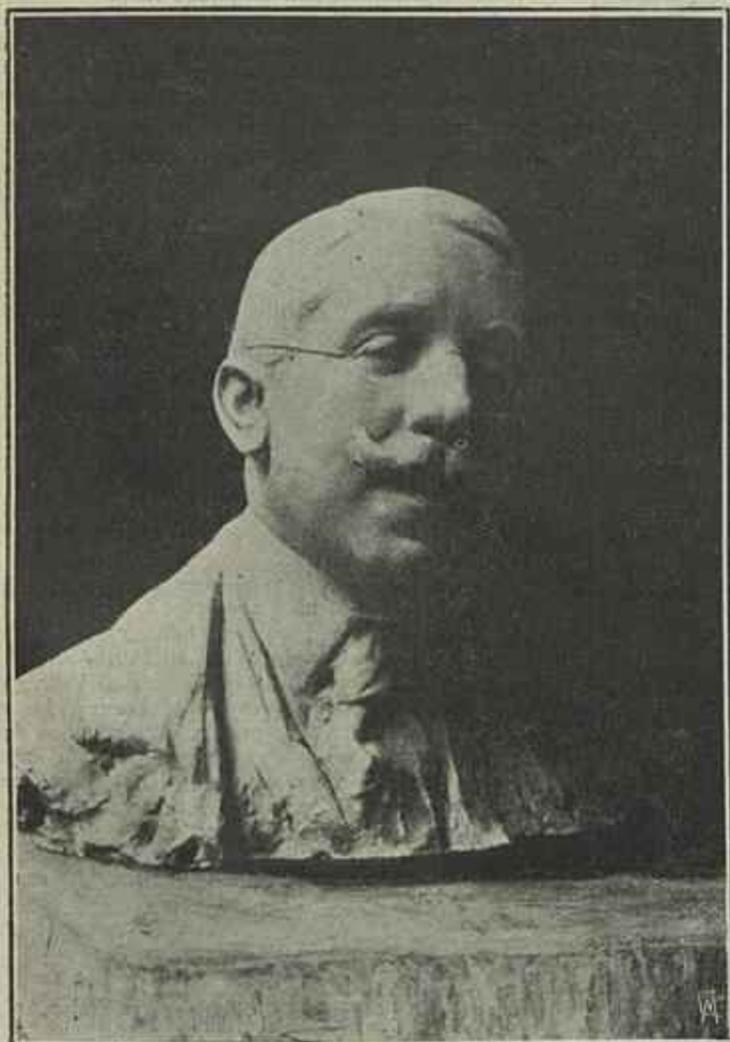
Se nos referimos á secção magnifica de estatuaria, a nossa afirmação torna-se de todo o ponto impugnavel. Na verdade, do exame mais ou menos demorado que fizemos aos exemplares expostos da arte nobilissima de Phidias, a impressão recolhida é agradável. Logo, de entrada, na primeira sala, deparamos com esse gesto giganteo que Vaz Junior intitulou — *A Luz e a Treva*.

A critica surta, a seu proposito, nas gazetas e revistas do burgo, é varia e discordante. Ao primeiro aspecto, desorienta. Todavia, cumpre, para honra nossa, confessá-lo — esse bronze modelado á maneira de Rodin é uma atitude que exorbita da banalidade chã, vincada de expressão, soberba de energia. Do mesmo autôr — a *Avó* é um estudo fisionomico interessante,meticulosamente burilado, a que por vezes nos referimos já nas laudas desta Revista; o busto do *dr. Costa Ferreira* é feliz pela exactitude da sua expressão. O Mestre Costa Mota apresenta-nos gessos e mar-



ANGEL LUNCHO

## Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes



DR. A. A. COSTA FERREIRA  
Esculptura de Vaç Junior



GUARDADORA DE PATOS  
Esculptura de Costa Motta (Sobrinho)

mores que são gloriosas maravilhas. Aquele finissimo busto de criança desperta, de pronto, mal o olhamos de relance uma admiração que vae em crescendo da analyse do minimo vinco expressivo ao detalhe do mais leve floco de renda.

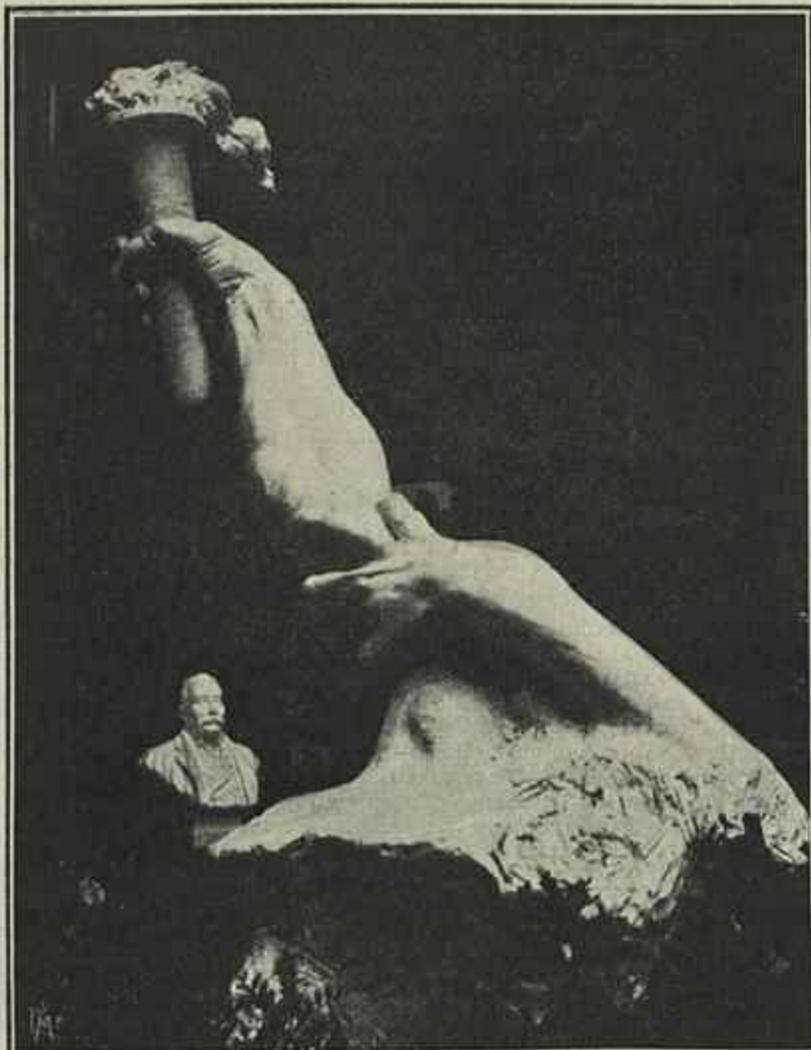
A *Meditação*—que esbelto donaire de formas, e encantamento de attitude não é esse lindo gesso que parece amassado em febre espiritalissima de sonho...

Além disto, temos esse bloco energico que é o *Cavadôr*. O municipio adquiriu o marmore dessa estatua que se ostenta no Jardim da Estrela. Ha ainda a notar o busto da sr.<sup>a</sup> duqueza de Palmela.

De Costa Motta (Sobrinho) guardamos preciosamente na memoria os traços dessa estatua admirabilissima que é a *Pastora de Patos*. Evola todo o perfume de poesia rustica, que contém os versos de Eugenio de Castro, exarados em legenda:

.....  
Pato aqui  
Pato ali,  
Filha de rei guardando patos  
Foi coisa que nunca vi...

Simões d'Almeida (Sobrinho) expõe um formosissimo busto de mulher, marmore que tem a be-



A LIZE A TREVA  
Esculptura de Vaç Junior

leza subtilissima duma pena, idealissimo de expressão, numa attitude de scisma que enleva ao extase.

Demais, observam-se, com agrado, as estatuas de D. Alda da Cunha, Henrique Moreira, Artur Prat, José Neto, Canto e Castro.

No ultimo numero desta Revista, já apreciámos, os trabalhos da sr.<sup>a</sup> D. Alda da Cunha que é uma das mais illustres expositoras deste certamen.

Apresenta-nos três obras, corretas de expressão e attitude, que tem merecido da critica as mais lisongeiros referencias. Discipula de Teixeira Lopes, aproveitou muito das lições do insigne professor. Não ha sómente na concepção das suas estatuas uma grande delicadeza, como tambem manifesta no seu processo de realisação uma certeza e maestria admiraveis.

Os seus trabalhos intitulam-se: *Amuo*, *Garoto dos jornaes* e *Escudo da Republica Portuguesa*.

Assim, não é com justiça que podemos considerar inferior ao certamen que o precedeu, na secção de estatuaria, este certamen excelente.

Da visita ao palacete da Rua Barata Salgueiro, a impressão recolhida é, pois, agradabilissima.



PROFESSORA DE CANTO, D. MARGARIDA MORNATTI TRINDADE



PROFESSOR DE CANTO, ARTUR TRINDADE



(Clichés da Fotografia Londres)

1.º PLANO — D. Ermelinda Motta, D. Ludovina Macieira, D. Socorro Bastos, D. Samaritana Machado, D. Margarida Mornatti Trindade, D. Hilarina Mello Abreu, D. Emma Cordeiro, D. Regina Sette, D. Elisa Guedes, D. Manuela Pinto Basto. — 2.º PLANO — José Feio, D. Vera Carneiro, D. Isabel Brasão, D. Fernanda Carvalho, D. Josefina Motta, Avelino Sousa Lopes, Arnaldo Pita Simões, Alberto Rodrigues, Armando de Sousa. — 3.º PLANO — Armando Alves, Eduardo Corrêa, Antonio Fernandes, Jean Longchamp, Sebastião Machado, Artur Trindade, Luiz Rocha, José Campos, Raul Abreu, Arnaldo Machado.

## GRUPO DE ALUNOS DO PROFESSOR TRINDADE, QUE TOMARAM PARTE NO CONCERTO

No Salão do Conservatório realizou-se no dia 16 de Maio uma audição magnífica de canto dos alumnos do maestro Artur Trindade. Foi um espectáculo que certamente ficará gravado na memoria de todas as pessoas que a elle assistiram e n'elle tomaram parte, não só pelo esplendor que revestiu, como pelo successo que obteve.

O maestro Trindade e M.<sup>me</sup> Trindade foram alvo das maiores manifestações de simpatia dos seus alumnos e da numerosissima assistencia que enchia a sala, onde se viam damas e cavalheiros da primeira sociedade.

Todos os alumnos mereceram calorosos aplausos pela correcção com que cantaram e pela excelente execução que demonstraram. Ao maestro Trindade e M.<sup>me</sup> Trindade foram oferecidos bastantes brindes.

M. V. A.

## ROMANCE

Victor Debay

## Amiga Suprema

(Versão livre autorizada pelo auctor,  
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

VIII

CALVARIO D'AMOR

(Continuado do numero antecedente)

O que Steinbaum chamava o romance com a Salviane, durava talvez ha uma semana. A proposito do compositor ter ido a casa d'ella levar-lhe a musica do *Através do Oceano*, a cantora foi para elle uma perigosa Dalila. Fombreuse levado pelas caricias da Salviane teve momentos que se esqueceu da pureza de Serafina.

Ao passo que a artista no meio de mil enlevos rodeava o compositor de mil encantos, uma carta de Serafina viera-lhe revelar a estrada que estava pisando quasi inconscientemente.

A carta de Serafina acabava por estas palavras: «Meu querido Mauricio, por onde vives que ha tantos dias não te vejo? Parece que a tua imagem apparece e desaparece da minha mente. Alguma coisa ha; quando me virás contar tudo e tudo?»

— Quando volta a casa de Salviane? perguntou Steinbaum com ironia triste. Os jornaes annunciam o desastre de Anna Le Cozan, deverá ir gosar do triumpho.

Fombreuse deixou a janella e da carteira tirou um papel que entregou a Steinbaum.

— Eis algumas palavras que vou enviar a Serafina: «... é um perdão que imploro, sou apenas um homem não melhor que os outros. Uma palavra da tua penna, uma casta recordação fez-me repudiar o perigo. Nada pode lutar com o teu encanto e pureza. Depois te contarei tudo. Ah! não deve haver segredos entre nós dois. A oração de Isabel salvou Tannhäuser?»

IX

DOIS CORAÇÕES

Ao pé da janella, sentado em uma cadeira, com as pernas cobertas com uma forte manta, Wolfram entregava a Maria José um copo com leite, que apenas lhe tocara nos labios.

— Então não toma senão isto? Uma garlinha bebe mais.

— D'aqui a uma hora traz outro, sim?

— Sempre ás suas ordens.

— Olha, Maria José, disse Anna, d'aqui a uma hora almoçaremos.

A artista estava deante de uma grande mesa cheia de papeis de musica.

— Continuemos, Wolfram.

— Onde estavamos?

— Na repetição do motivo pelo primeiro violino em resposta ao segundo que entrou no tom. *Si, sol, la si syncopado, dó, si, lá, fá sostenido, si...*

— *Dó sostenido...*

— *Dó sostenido?* disse Anna. Mas meu caro mestre, isso é engano.

— Desculpe, tem razão, hoje não estou bem.

— Não ha meio de acabar este quintetto, vejo que se interessa pouco.

— Ralha comigo? Tem razão, mas que quer? Parece que estou a sonhar. A's vezes penso horas inteiras na melhor maneira para resistir á lucta, chego a ter projectos como eu fosse uma creança. Hoje a manhã tem estado linda, corre um ar tão fresco!

— Sim, as arvores estão de um verde encantador, disse Anna approximando-se da janella. Sentiu isso bem?

— Conheço bem os perfumes da terra, sou um camponez, Anna, em Charonne tinhamos uma pequena quinta. Quantas vezes Fabio se ria quando me via cavar os canteiros; pobre creança, onde estará elle?

— Não esteja a pensar n'essas coisas.

— Quando penso n'estas recordações, parece que revivo outra vez! Penso ás vezes na minha mãe, e é a senhora que tem culpa.

— Eu, Wolfram?!

— O vosso carinho, a sua grande alma, como sois boa!

— Mas Wolfram, estamos a perder umas horas preciosas!

Anna Le Cozan era a constante companheira de Wolfram. A sua grande alma de artista, estava transformada n'uma enfermeira carinhosa, comprehendendo a caridade como uma virtude banhada de crença e de paz.

Quando Anna e Wolfram desceram da carruagem na rua S. Martin, Auburnon esperava-os na porta gothica da igreja de S. Merry. Subia-se para o orgão por uma escada bastante estreita que ia dar ao côro.

— Nós vamos cair, disse Anna, que escuridão!

— Os meus pés, vêem pelos seus olhos, disse Wolfram.

Na tribuna, Wolfram recebeu agua benta dos dedos de Anna e fez uma pequena oração.

Steinbaum e Fombreuse já estavam na igreja.

Quando chegou Anna, foram logo ter com a grande artista.

— Parece que Wolfram está um pouco melhor, disse Fombreuse para a cantoura.

— Simples apparencia, tem a cara mais animada pela alegria de vir tocar no orgão; mas cada vez está mais fraco.

— Que bella alma é a sua!

Já ha muito tempo que aquellas duas almas não se encontravam, e cada uma sentia-se confusa perante aquele mysterio que as unia.

Wolfram começou a dedilhar no teclado do orgão. Como elle estava contente!

— Não está ninguém na igreja?

— Está fechada a esta hora.

— Melhor.

D'ahi a pouco o organista executava a *grande fuga em dó* de Bach.

— Agora descance um pouco, disse Anna, quando Wolfram terminou.

— Poucas paginas são de musica.

— Bem sei, mas já ha tanto tempo não toca.

Wolfram elogiou o instrumento, e combinando os registos obtinha effeitos de sons de veras admiraveis.

— Eis a voz humana, agora a voz celeste.

Quando voltaram, Ana poz sobre os hombros de Wolfram a *pelisse* de peles;

um abrigo, a temperatura é perfida e um suor de fraqueza cubria o rosto do pobre cego.

Jantaram ás cinco. Depois de jantar, Anna contou a Wolfram toda a sua infancia e vida artistica e o pobre cego escutava-a verdadeiramente enlevado.

— Gostava que me fizesse um favor, disse Wolfram, para que este dia fosse o melhor da minha vida.

— Mas diga...

— A minha voz morreu...

— Não, está adormecida. Mas que de-seja ouvir?

— Alguma obra de Schumann, dizem que é admiravel n'este grande auctor.

D'ahi a pouco Anna cantava acompanhando-se ao piano.

Maria José correu logo á sala, cheia de alegria.

— A menina a cantar, como antigamente!

— E' verdade, Maria José, como me sinto relativamente feliz!

— Como sois boa! Como gostaria de ter uns mezes de vida para compôr uma obra para vós. Ah! a musica, a *Amiga Suprema*, como enfim encontrei uma artista que a comprehende!

— Os nossos corações são tão semelhantes!

— Sim, disse Wolfram, dois corações de artistas, que sabem o que a Musica é n'este mundo.

(Continúa.)



## No Pôrto

Pedro Blanco

Merecido prémio, de que legitimamente se pôde orgulhar, teve na noite de 27 do mês findo, em que no Salão Nobre da Assembleia Commercial, perante selectissimo e numeroso auditorio, apresentou algumas das suas mais adeantadas discipulas, o professor illustre que, ha dez anos, nesta velha e querida cidade, vem difundindo o seu saber, na ansia de fazer artistas, a quem ensina essa maravilhosa technica do piano e educa o gosto, aproveitando-lhes as naturais tendencias, conseguindo que essas creaturas de rara sensibilidade que são as suas discipulas operem prodigios que facil seria não esperar delas; — merecido prémio que lhe conferiram com o seu proficuo labor, contribuindo assim para o justo e indiscutivel renome de seu mestre e alcançando para si aplausos que ninguem saberia negar lhes.

Pedro Blanco que pelo seu character afavel e lhaneza de trato sabe conquistar os que têm a felicidade de dê-lo se acercarem, é além de professor apreciado e querido pela sociedade d'aqui, um compositor distinto e de largos recursos, como sobejamente mostrou neste concerto em que pela primeira vez executou as suas *Heures Romantiques* (impressiões intimas), *suite* de 6 numeros que o autor intitulou *Préambule, Caprice, Impromptu, Réverie, Berceuse e Ballade*.

Mas não é esta a sua unica composição de valor. *Hispania* (suite de 5 numeros) que foi executada em Paris, Madrid e Berlim e instrumentada para grande orquestra pelo grande compositor francês M. Lucien Lambert; uma *Mazurka Triste* e canções hespanholas e portuguezas.

Como concertista fez-se ouvir no Ateneu, no Círculo de Belas-Artes, no Conservatório, no Teatro da Comédia, nas Sociedades Filarmónicas de Salamanca, Léon, etc.

Foi aluno do Conservatório de Madrid onde obteve por unanimidade o 1.º prémio e é socio correspondente da Societé Internationale de Musique e academico da Real Academia de Belas-Artes de Malaga.

De nacionalidade hespanhola, Pedro Blanco afeiçoou-se à nossa terra e fez dela sua segunda pátria, ligando-se-lhe por laços muito intimos.



D MADALENA LOPES TEIXEIRA, QUE NO CONCERTO DE PEDRO BLANCO EXECUTOU PRÍMOROSAMENTE O *Caprice* (SUR LE BALLET D'ALCESTE) DE GLUCK SAINT-SAËNS.



PEDRO BLANCO

Honra-se o OCCIDENTE publicando o retrato do insigne professor e de algumas suas discipulas que tomaram parte no concerto a que nos referimos:

A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Magdalena Lopes Teixeira, raro temperamento de artista, possuindo essa delicada intuição ao Belo que lhe permite interpretar tão fielmente esses produtos da hiper-sensibilidade dos grandes génios musicais, imprimindo-lhes força e sentimento e todo o relêvo que requerem e a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Olinda Ribeiro Rodriguez, cujos poucos anos tornam deveras assombrosos o seu grande talento e extraordinárias faculdades, que dela fazem já uma consumada pianista.

Com muito brilho também se exibiram executando musicas de autores clássicos, as Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Ignácia Gonçalves, D. Amélia Figueiró, D. Arminda Moreira, D. Maria Casimira Maia, D. Maria Marques de Azevedo, D. Maria Guilhermina Maia, D. Alice Miranda, D. Matilde Branco, D. Ester Brandão Barbosa, D. Tereza Brujas, D. Maria Augusta, D. Beatriz Rodrigues Leite, D. Judith Leite Rodrigues e o sr. Clemente Gama.

O concerto da apresentação de discipulas de Pedro Blanco, em que elle também tomou parte, executando uma composição sua, deixou-nos gratamente impressionados, pelo que lhe dirigimos, bem como ás suas gentilissimas discipulas, os nossos parabens.

A. N.



### Impressões de uma digressão

No comboio das 21 horas e 35 minutos de 11 d'abril findo parti, com destino a Còja, no concelho d'Arganil.

Ia para um casamento, não como festa para mim; mas, por motivo de gratidão, em memoria da minha filha morta, para saldar uma divida de penhorado afeto em relação a um vivo.

Assisti á celebração civil na qualidade de testemunha ou padrinho dos nubentes e, a convite gentil do pae da insinuante noiva, meu antigo companheiro no seminário de Coimbra, assisti ao almoço e jantar que se lhe seguiram.

Essa occorrença que eu suposera mais cedo, só se verificou aos 20 do citado mez.

De flôres aromaticas fôram cobertos por delicadas mãos femininas á volta da cerimonia eles,



MENINA OLINDA RIBEIRO RODRIGUES, QUE NO CONCERTO DE PEDRO BLANCO, EXECUTOU O *concerto em dó* (OP. 37) 1.<sup>o</sup> TEMPO. CADENZA DE BEETHOVEN *Repsodia Hungara*, n.<sup>o</sup> 8 DE LISTZ E A *Invitation a la valse*, DE WEBER.

os noivos, em plena florescencia da vida e no meigo enleio de esperança risonha. Felizes sejam!

No intervalo, porém, de tempo, entre o dia da minha chegada a Còja, domingo 12 e o do casamento aludido, realisei por mais uma vez a visita ao monticulo de Santa Cruz, a cavaleiro das povoações de Balocas e Venda da Esperança, a fim de admirar a imponencia do quadro em que se ostentam com todo o magestoso garbo as serras da Estrela e do Caramúlo.

Não fui ditoso no sonhado deslumbramento, por se haver toldado a atmosphera e esquecido o sol no sombrio de nuvens de agua; mas, ainda assim, tive o ensejo de poder divisar lá nos cumes distantes do famoso *Herminio*, a fita larga e al-

viniente que o astro luminoso beija e derrete com fôlegos de amor!...

No regresso, a chuva salteou-me em Vendas de Galizes e não mais se despediu até Còja.

Debaixo d'agua e ao clarear de relampagos me surgiu eréta nos seus penhascos, enegrecidos pelos gelos das idades, de que dão eloquente prova as vetustas pedras do seu castelo ronqueiro demantelado e em ruinas, aquela Avô, berço de um poeta e insigne soldado que governou Alfaiates e desbaratou castelhanos, — Braz Garcia de Mascarenhas, aquela Avô, que aos pés se retrata e remira no Alva e mostra ao viajeiro, em verdadeiro e fundo abismo, uma velha ponte de outras eras!

Adiante, já me fica para traz e a não enxérgo essa terra de ninho de aguias, que me prende, que me cativa muito mais agora, depois que é sem vida a que fôra em um momento a ilusão do meu cogitar, o enlêvo dos meus sentidos!

Como corda d'esse dia chuvoso presenciei, no escuro da noite, um dos mais belos e grandiosos espêculos de que tenho memoria, — uma trovada em toda a linha de horisontes, acompanhada de ribombos perpendiculares, de granizo furiosamente fustigante, de todos aqueles incendios e faiscas de primor inexcédível que á fantasia do ignorante e do selvagem parece demonstrarem sobrenaturalidades macabras!

Em outro dia, não sem a surpresa da chuva pelo caminho, adiantei-me ao longo da ribeira de Còja até á povoação de Pisão, elegante e airosa, a cavaleiro da qual a espreita, assente na montanha, uma outra, de relembração arabe, — a Esculca!

Finalmente, pelas duas horas de 22 levantei-me, não sem violencia de estorço, para ser prisioneiro de um carro pesado, que me transportou á estação do caminho de ferro em Santa Combadão.

Admirei, antes de lá chegar, o cenario admiravel do diluculo e do romper da madrugada, com prismas de peregrina fascinação intraduzivel, com aureas incidencias soberbamente embriagantes!

A nevoa dos rios similhando vaporosa gaze do noivado; a côma de pinheiros amostrando-se qual recife á superficie de imenso oceano parado; a natureza inteira, a mudar de luz e de côres, para se abrir francamente ao hospede sublime que a engrinalda e matisa, a opulenta e robustece, a fecunda e vitalisa!

E quando esse hospede irradiou ao termo, denunciou-se com esbelta pujança, com potente energia calorica!

Assim me apeei na estação do caminho de ferro e, sem perda de tempo, tive que subir para uma carruagem do comboio que partiu imediatamente, visto achar-se em atraso.

Eram então umas 9 horas quasi.

Através de pontes e de tuncis n'ele marchei para a Pampilhosa, e da Pampilhosa para a cidade invicta!

Que dia esplendido, ridentissimo! nem o sol se cansava de entornar a vida em jorros ondeantes nem a Natureza de o receber, prazenteira e enamorada!

Entre a estação de Pampilhosa e a do Porto, cidade, levou-me a locomotiva por meio de belezas positivas e empolgantes d'este chão de heros que se chama Portugal!

Deixára eu a sós com as suas margens e com os seus saborosos peixes os rios Alva, Mondego e Dão, e passei a recrear os olhos em outros rios, em outras margens, em outras molduras de expressão artistica, — o Vouga, o Douro, a ria de Aveiro, Aveiro, Espinho, a Granja ideal, Gaia e a Madalena, a arrojada ponte á vista da metropole attivissima do trabalho, e logo após, mal fóra da estação do caminho de ferro, o rio Leça, e Matosinhos, e Leixões!

Terminou com este andar até Leixões o dia 22 d'abril de 1914. O immediato levou-me ao Palacio de Cristal, não estranho para mim desde mais de 20 anos e, n'esse dia, tambem immediato ao da cessão da grève dos fluviaes, curioso, curiosissimo se ostentava o movimento de embarcações fundeadas no belo Douro, na ocasião tranquilo e remançoso.

A 24, pouco depois das 8 horas, ocupava logar no comboio rápido, pelas 2 1/2 horas encontrava-me em Lisboa, estação da Avenida, ás 4 atravessava em vapor o primacial dos rios portugueses e, menos de meia hora decorrida, abancava á minha mesa caseira para a convenientissima refeição do jantar!

Percebi que os meus pulmões, o meu proprio ser moral, a minha objectiva estudiosa, haviam lucrado o gosado com o meu deslocamento fisico e relativo agitação invulgar.

Por isso, e por não conhecer, *de visu*, o Algarve deliberei-me a aproveitar os dias 3 e 4 do corrente para esse desiderantum.

No sabado 2, pelas 20 horas e 40 minutos, larguei da ponte da Praça do Comercio, a bordo de um dos vapores dos caminhos de ferro do Estado, em direcção á estação do Barreiro, e d'ali seguiu para Vila Real de Santo Antonio no comboio que partiu ás 21 horas e 50 minutos, salvo erro.

Encantou-me e deliciou-me o largar da ponte e a travessia do Tejo, iluminado pelos candieiros da capital, pelos faroes dos barcos e pelas scintilantes lampadas suspensas no espaço, presididas distintamente pela lua, em vespera do crescente!

Ao sair da estação do Barreiro, noite fechada, acomodei-me o melhor possivel no assento da carruagem para onde entrára e só pensei em aguardar os primeiros clarões da aurora do dia 3.

Antes da estação de S. Marcos, houve início o prenunciar-se do fenomeno que eu esperava com anelo ansioso; mas, pelo brusco do seu aspéto primêvo, não correspondeu esse dia ao brilho da noite em que me embalára.

Felizmente, contudo, operou-se, pouco a pouco, uma transformação completa e quando, perto das 10 horas, puz pé em terra de Vila Real de Santo Antonio e me dirigi pela Avenida da Republica, a marginar o Guadiana, a uma especie de terraço que o domina, conhecida pela designação de mirante, fiz esse percurso com ardente sol tropical.

D'ahi, passei a vista por amplo panorama em que a Andaluzia com seus montes e a airosa povoação fronteira de Alamoonte, o rio limite a confundir-se, para além da sua barra, nas inextinguíveis fontes do Atlantico, as arestas da Africa a avolumar nas brumas d'este mar, insensivelmente me orientaram o pensamento no sentido do passado remoto, e de Ceuta, e do vulto de Sagres, e do Gama, e de Cabral, e de Albuquerque, e de *Lusíadas*, do cantor de tantas glorias, do vate insigne de taes estrofes imortaes!

Forçoso foi que me arrancasse a semelhante visão e que proseguisse no meu proposito.

Percorri a vila, rua a rua, e achei-a

limpa, graciosa e sugestiva, e bem assim todas as localidades algarvias que demoram proximas e alcance perfeito da via ferrea.

Fuzeta, Olhão e Tavira, com duas pontes uma das quaes de solidissima construção mourisca, apareceram-me como demonstrações de mimo, como ribalta de magicas no seio de luxuriante vegetação!

Dormi em Faro, iluminada a luz electrica, com arruamentos apreciáveis, feminina estética não menos apreciavel e hospitaleiro agrado em todos os habitantes.

Pelas 8 horas e minutos de 4, disse adeus intimo á capital do Algarve, genuino jardim sempre viçoso, de terra avermelhada e de serras atapetadas de esteves e de urzes enlaçadas com flôres, e dispuz-me a voltar aos penates, que atingi pelas 18 horas, um tanto enfasiado e angustiado pelo contraste que notei entre a formosissima provincia do Algarve e a parte arida e monotona da do Alemtejo, em sua continuidade, com a historica Beja, — *Pax-Julia* e a torre de Menagem.

Seja entretanto como fór, tudo isto é Portugal, és tu, querido berço, amada patria, nome gravado em letras coruscantes nas paginas da Historia, o livro augusto e soberano que não morre, que não póde morrer como Camões não morre, como não morre Herculano, como não morre nem se extingue o brado legitimo da fama, como não póde entorpecer nem emudecer a voz arrebatadora da Liberdade!

Em 17-5-914.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

## Pelos teatros

### Despedida da Companhia Taveira A sua partida para o Brasil

Foi verdadeiramente calorosa a manifestação que o publico dispensou a todos os artistas da companhia da Trindade, na vespera da sua partida para o Brasil, fazendo-lhe uma ovação tão intensa que bem justifica o apreço e simpatia que lhe tributam os frequentadores desta casa de espectaculos.

Representou-se a opereta *Emfim sós*, uma das melhores peças do vasto repertorio da companhia, na qual Judice da Costa e Amadeu Ferrari evidenciaram mais uma vez as suas aptidões como artistas de bem reconhecido valor.

O publico, que enchia completamente o teatro, recompensou-os largamente dos seus esforços, aplaudindo-os com entusiasmo, assim como aos restantes artistas.

A estas horas, seguem a caminho do Brasil, onde certamente o intelligente empresario Afonso



AFONSO TAVEIRA

Taveira, que ali gosa de inumeras simpatias, verá premiados os seus trabalhos, que o povo fluminense saberá compensar.

A peça com que a companhia se estreia em Terras de Santa Cruz, *Emfim sós*, é disso sufficiente garantia, e são esses os nossos votos.



## Parques e jardins de Lisboa

### Arboretos

#### VI

Na graciosa face panoramica de Lisboa, — aguas do Tejo sustentando o miradoiro que as segue e d'onde se alcança vê-la successivamente no alto relevo dos seus contornos, e das perspectivas monumentaes, — n'aquella erguida mole, outros parques, outros jardins, que não a *Avenida da Liberdade*, esmaltam com o seu viço os mais avançados aspectos da *urbs*. E cobrindo encostas, corôando terraços, matizando a orla tejana, assim compõem, por entre contrastes, essa expressão sorridente e vária que, ainda de longe, se denuncia atraente e se tem por mimosa.

No entanto, levou-nos o fio da digressão a que, primeiramente, notassemos, quasi de subito, aquele maior trecho ornamental. Mas, nem a sua grandesa; tão pouco os seus formosos attributos; não nos suggestionaram para que o elegeassemos n'uma preferencia sobre os parques e jardins mais panoramicos; a par das aguas do Tejo. Que, d'elas, nos não apartámos tanto que as não descortinassemos n'aquella vincada situação decorativa, onde as emanações de luz tecem, n'um contraste de côres e com a elevação dos fustes, a estrofe que vem aclamando o eloquente titulo que a nomeia! E agora o diremos.

No ponto de vista em que nos collocámos para delinear os aspectos phytograficos dos parques e jardins publicos com que a cidade se ornamenta, desde logo se nos impoz notar a distribuição d'elles; a sua implantação sobre o relevo orografico; como se inserem nos meandros da topografia urbana e n'esta rêde se encadêam, acompanhando as modalidades arquiteturaes citadinas, com elas concertando-se, diversamente, segundo a sua expressão vulgar ou mais nobre.

A tal intento, desenhou-se mais caracteristica a situação da *Avenida da Liberdade*. E, com efeito, assim é.

Vêmo-la assinalando o grande traço de união entre a Lisboa restaurada, no seculo xviii, e que, defrontando o amplissimo estuario do Tejo, assumiu uma alta expressão monumental — que se deve defender contra possiveis ultrajes, já tentados — e a modernissima Lisboa em que se vão ostentando galas de mais variada arquitetura, á medida que, no seu engrandecimento em superficie, mais se dilata para o norte da sua anterior configuração, no ultimo quartel do seculo xix.

Uns tantos factos e especiaes circumstancias, que ao nosso fito interessam, obrigam-nos a notar que a essa configuração corresponde o grande polygono oriental urbano que se define pela margem do Tejo, desde o vale de Chelas ao de Alcantara e, pelo norte, alcança as eminencias onde assenta o *Parque Eduardo VII*.

N'outro anterior movimento, Lisboa chamou a si para se dar maior apanagio territorial, e ligou aos seus medievos brazões, a vasta e historica povoação de oeste, ou esse outro polygono que, marginando o grande rio, desde o vale de Alcantara, segue pela ribeira e aprazivel estancia de Algés, até aos visos do Monsanto.

Apontados estes tres polygonos, eis brevemente delineada a maior Lisboa contemporanea, vasta de oitenta e dois kilometros quadrados, e — cidade e campo juntamente.

O traço de união e qual esse que a *Avenida da Liberdade* representa, é, ao mesmo tempo, a linha mediana, orientada a noroeste, do polygono oriental citadino.

De golpe se reconhece que, em relação aos aspectos orograficos, esse traço constitue uma grande divisoria á qual ficam sobranceiras as planuras correspondentes a um e a outro dos dois se-

ctores que se situam a dentro do mencionado polygono; fixando, porém, mais e desde logo a atenção os terraços que se elevam sobre as encostas do amplo rasgamento copiosamente arborizado, e ainda soberbo como decoração do scenario urbano.

Assim o tivessem notado, hontem, as vistas esteticas dos modernos arquitetos da cidade; assim, agora e mais oportunamente, a tanto elas se dessem; que, já hoje, veriamos ressaltando, nas suas primeiras ramificações, a *Avenida da Liberdade*, por surgirem artisticamente traçadas as duas rampas d'accessão — a da Gloria e a do Lavra — aos jardins e alamedas e á graciosa *vila italianisada* do Thorel —, que, em fronteiras estancias, se elevam sobranceiras á pomposa Avenida.

Esquecimentos são estes que brigam com a afirmação de outros propositos de aformoseamentos urbanos.

Sem nos determos em maiores observações, que, aliás, não seriam descabidas, digamos que, partindo do assinado *traço de união*, os percursos do nosso itinerario tem de ser divergentes.

N'estes termos, tambem acompanhamos, par e passo, a ordem chronologica em que, no periodo contemporaneo, se realizaram os aformoseamentos floreaes da *urbs*.

Seguindo esta orientação, tambem importa frizar que é no sector situado a oeste da *Avenida da Liberdade*, que mais numerosos se oferecem os jardins publicos, sendo tambem, ahí, que se compuzeram os primeiros com que, no mencionado periodo, Lisboa começou de ornamentar-se e seguidamente se decorou com uns tantos *oásis*, consoante a fisionomia especial que ahí estampam as palmeiras entrelaçando as frondes e protegendo flores.

N'aquela ordem chronologica, como tambem pela situação dominante d'um vasto panorama transversal citadino, cabe notar primeiramente o jardim, em terraço, subjacente á alameda de S. Pedro d'Alcantara. N'este jardim, fala, esculturalmente, e Historia. Mais adiante o veremos n'esta sua expressão.

E' tambem dos mais antigos jardins publicos de Lisboa, e o mais vasto, o da Estrela. Tem assinalada situação, e ainda se especialisa pela cercadura ornamental que o protege, e cuja conservação se recomenda por varios motivos de que se não deve alhear a Arte.

Fica comprehendido no sector oeste, e n'uma situação orografica que o vale de Alcantara tambem assinala, — o mais antigo parque da *urbs* — a Quinta de recreio das Necessidades.

No ajardinamento d'esta área par-



NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO NA ARRIFANA  
O SR. MAJOR PIRES, REPRESENTANTE DO MINISTRO DA GUERRA, DISCURSANDO



UM ASPECTO DA PRAÇA DA GUERRA PENINSULAR  
DEPOIS DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

(Clichés de Reis Maia)

lar de Lisboa, duas expressões ressaltam, porém, mais características. — o Jardim Botânico da Universidade de Sciencias, e o notavel arboreto com que ele se completa.

Como quer que n'essa área se distribuam os demais jardins publicos, por sem duvida interessantes na sua expressão phytografica, d'algum modo os que ficam mencionados traçam o percurso que deixa ver como se encadêam na topografia urbana, até que, passando por aquele parque, se alcança a linha marginal do Tejo; a dos terraços ajardinados que lhe ficam sobranceiros, e se vão vendo, alguns trechos citadinos que mais proximos das suas aguas se enfloram n'um movimento iniciador de progresso e civilização.

Porque assim se descreve o percurso, cabe frizar que o ajardinamento mais recente, no Caes do Sodré, vem entestando o caminho que o enlaça á alameda e jardim de S. Pedro d'Alcantara, que tomamos como ponto de partida d'esta digressão parcial.

E, agora, alguns pormenores.

## Centenario da Guerra Peninsular

### Monumento na Arrifana

Dos quadros tragicos que a invasão napoleonica deixou memoraveis, em terras portuguezas, vinçados a traços de sangue e de terrôr, nota-se aquelle que teve por scenario uma das mais lindas povoações do Douro, Arrifana de Santa Maria.

Na segunda invasão de 1809, Sout com o seu exercito havia-se apoderado da cidade do Porto, emquanto o general Franceschi com a sua cavalaria varria as povoações e campos entre o Douro e o Vouga, levando o terrôr e a morte a povos inermes e desalentados por verem suas casas e terras devastadas.

Nas ruas do Porto fôra assassinado, no dia 29 de março de 1809, pela soldadesca franceza, o desembargador da Relação daquela cidade, Domingos Manuel Marques Soares, natural da Arrifana e tio de José Barbosa da Cunha e Figueirôa Borges, tambem daquela povoação, e que era pessoa muito considerada, depois feito tenente coronel de milicias, governador militar de Aveiro e deputado ás Côrtes (1).

Para vingar o assassinato do desembargador Soares, aproveitou seu sobrinho o seguinte ensejo que se lhe depa-

rou: Sout tinha por um de seus ajudantes de campo, o tenente coronel Lameth, que uns dizem era seu sobrinho, outros seu filho. Lameth fôra incumbido de levar despachos de Sout para Franceschi, e constando na Arrifana que ali proximo passaria um general francez, foi José Soares e mais tres companheiros emboscar-se em um lourçal da Deveza de Pereiro, freguezia de S. Tiago de Ribad'Ul, proximo da ponte do ribeiro de Cavaleiros, e assim ocultos desfecharam sobre o malaventurado official logo que o colheram ao alcance das suas espingardas, derrubando-o morto do cavallo em que montava.

A vingança desta morte não se fez esperar e foi tão cruel, quanto terrivel, pagando os justos pelos pecadores.

Ao amanhecer do dia 17 de abril de 1809, a Arrifana foi invadida por uma força do exercito francez, sob o comando do general Thomiers, o qual deixára fama de sua ferocidade quando da primeira invasão, pelas oppressões e vexa-

(1) Estas e outras notas extrahidos de um artigo do sr. D. Fernando de Tavares e Tavora, publicado no numero unico, *A Tradição*, comemorativo da inauguração do monumento e editado, no Porto, pelo sr. Adão Rodrigues.



AMERICO DE REZENDE



RAUL EDUARDO RIBEIRO VALENTE

F. JULIO BORGES.

mes que exerceu sobre os povos de Peniche, Alcobaça, Nazaré, S. Martinho, Colares, etc.

Thomiers mandou aprisionar pelos seus soldados a quantos homens podessem deitar a mão e metel-os na igreja matriz, donde os obrigaram depois a sair pouco a pouco, para os *quintarem*, isto é, de cada cinco homens que saíam, fuzilarem o quinto!

Isto se fez sem nenhum inquerito ou especie de processo, entre os clamores, supplicas e lagrimas das mulheres e creanças da Arrifana, sendo certo que a maioria dos executados eram inocentes.

Não está bem apurado o numero das victimas desta feroz vingança, pois os livros de assentos da freguezia só accusam a morte de 62 homens, naquele fatal dia, deixando 32 viúvas; de quantos, porém, não seria a morte registrada nos ditos livros?...

O sr. Marques Gomes refere, nos seus escritos *Centenario da Guerra Peninsular*, o curioso caso de ter escapado á morte, no meio da confusão e do fumo da polvora, um homem chamado Nazario, o qual, deixando se cair para a frente sem que as balas o tivessem atingido, se conservou assim, entre os cadáveres dos executados, donde se levantou altas horas da noite e fugiu!

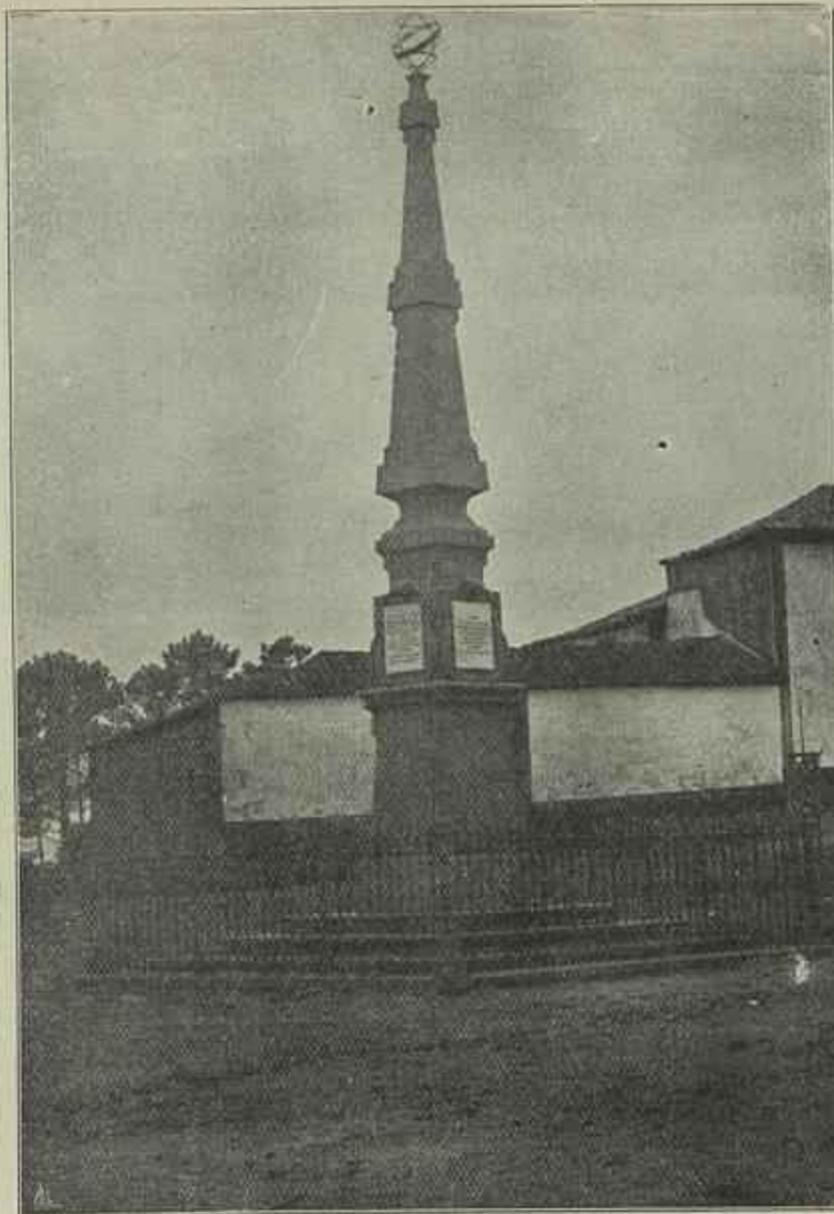
Este Nazario, filho de uma escrava do capitão João Antonio Gomes de Pinho, de Arrifana, contava então 26 anos e era ainda vivo em 1869.

Eis o tragico acontecimento ocorrido na Arrifana e que a piedade de alguém fez reproduzir numa ingenua pintura, em madeira a qual se conserva na igreja da Arrifana, dentro dum nicho com sua caixa de esmolas destinadas a missas por alma dos fusilados, que em todos os anniversarios ali são rezadas.

Este quadro foi cuidadosamente restaurado, em 1910, pelo professor da Academia de Belas-Artes de Lisboa e proficiente restaurador sr. Luciano Freire, e figurou na Exposição do Museu de Artilharia, donde depois foi enviado para a junta de paróquia de Arrifana.

O belo e significativo obelisco que hoje se levanta na Arrifana é devido á iniciativa da junta de paróquia desta freguezia, que para o efeito abriu subscrição entre os seus conterraneos e pediu auxilio tambem á Comissão do Centenario da Guerra Peninsular, que lh'o concedeu.

Um benemerito arrifanense se interessou vivamente pela erecção deste monumento; foi Americo de Rezende, presidente da comissão do monumento. A morte permatura veio, porém, surpreendel-o antes de o ver concluido. Este lutooso acontecimento atraxou os trabalhos, até que o sr. Saul Rebelo Valente, outro arrifanense tambem muito



MONUMENTO DA GUERRA PENINSULAR, NA ARRIFANA  
(Projeto e fotografia de Reis Maia)

dedicado á terra em que nasceu e vice presidente da camara municipal da Feira, assumiu a presidencia da comissão e cooperou ativamente com a junta de paróquia para que o monumento se concluisse e fôsse inaugurado com toda a solemnidade.

A cerimonia da inauguração realisou-se no dia 19 de abril, que foi de festa para a Arrifana onde concorreu muita gente da Villa da Feira e outras povoações visinhas, autoridades do concelho, escolas da freguezia, fazendo-se representar a Comissão do Centenario da Guerra Peninsular pelo sr. dr. João de Magalhães.

Representando o sr. ministro da guerra, compareceu o sr. major José Pires, sendo a guarda

de honra feita por uma força do regimento 24 de infantaria. Algumas bandas de musica tornaram mais festivo o acto que decorreu alegre e fica memoravel naquele povo, que assim glorificou a memoria dos seus martires.

O monumento singelo, mas elegante, ergueu-se na praça denominada agora da Guerra Peninsular, antigo campo da Bussiqueira onde se praticou o horrivel morticinio de 17 de abril de 1809.

Na mesma praça foi armado um estrado, com mesa para assinatura do auto de inauguração, e onde o sr. Saul Rebelo Valente pronunciou um patriótico discurso á chegada do sr. major Pires representante do sr. ministro da guerra, o qual depois procedeu ao descerramento das lapidas comemorativas que se lêem no monumento e pronunciou discurso apropriado, dirigindo-se ás creanças das escolas, que estavam presentes, com palavras de incitamento a amarem a patria.

Para solenisar a inauguração do monumento foi editado, no Porto, pelo sr. José Adão Rodrigues Pinhal, um opusculo, *A Tradição*, com varias illustrações, artigos e poesias muito apreciaveis, relativas ao facto que comemora.



### Estoril, Estação Maritima, Climaterica, Termal e Sportiva

Com este titulo recebemos um lindo album illustrado e respétiva descrição, das edificações que vão ser feitas no Monte Estoril, por uma arrojada empresa, sob a firma de Figueiredo & Sousa, Limitada, constituida por capitaes portuguezes, e que se propõe fazer daquela estação de turismo uma das primeiras da Europa. Para isso não lhe faltam as melhores condições naturaes climatericas e vae ser dotada com esplendidos edificios, como estabelecimento termal e casino, palacio de desportos, grande hotel e parque, casas de espectáculo, etc., tudo edificios luxuosos, oferecendo todas as comodidades que os turistas possam exigir.

Os projectos para estes magnificos edificios são do arquiteto francès Mr. Soussigne.

O plano é grandioso e de grande alcance nacional, vindo concorrer largamente para o desenvolvimento economico do país.

Mais de espaço trataremos aqui deste importante assunto, que bem merece ser largamente apreciado e despertar as atenções geraes do país e do estrangeiro onde a nossa revista levará ampla noticia.

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca  
Exigir pois esta marca  
em todos os estabelecimentos

## CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

GRAND PRIX - O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE  
VINHO NUTRITIVO DE CARNI  
O MELHOR TONICO  
QUE SE CONHECE  
A TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS  
PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS  
AVENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Premiado com medalhas de ouro nas exposições de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem 1891, Anvers 1894, Londres 1904, Rio de Janeiro 1906, etc.

Pedro Franco & C.  
Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade  
Farinha Peltoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.  
DEPOSITO GERAL  
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA